



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 9 de janeiro de 2025

Bolsas Na quarta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na quarta-feira	Salário mínimo	Euro Comercial, venda na quarta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
1,27% São Paulo	118.533	R\$ 6,109 (+ 0,08%)	R\$ 1.518	R\$ 6,299	12,15%	12,46%	Julho/2024 0,38 Agosto/2024 -0,02 Setembro/2024 0,44 Outubro/2024 0,53 Novembro/2024 0,39
0,25% Nova York	119.624	Últimos					
	3/1 6/1 7/1 8/1	2/janeiro 6,162 3/janeiro 6,18 6/janeiro 6,112 7/janeiro 6,104					

INDÚSTRIA

Produção cai por dois meses seguidos

Atividade do setor industrial registra queda de 0,6%, em novembro, após recuar 0,2% em outubro. Em 12 meses, ainda cresce 3%

» RAFAELA GONÇALVES

A produção industrial apresentou recuo de 0,6% na passagem de outubro para novembro, segundo mês consecutivo de perda. Os dados são da Pesquisa Industrial Mensal (PIM), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e divulgada ontem. O desempenho corrobora com as expectativas do mercado de arrefecimento da economia no último trimestre do ano.

Foi a segunda queda mensal consecutiva na PIM e o dado de novembro foi maior do que o de outubro, de 0,2%. O resultado ainda ficou marginalmente abaixo da retração esperada na mediana das projeções do mercado, de -0,5%.

Diferentemente do mês anterior, a queda da produção em novembro foi bastante disseminada. Todas as quatro grandes categorias econômicas e 19 dos 25 ramos industriais pesquisados mostraram redução na atividade. Dentre as atividades econômicas, os bens semi e não duráveis apresentaram a maior variação negativa, de 2,8%.

“Esse segmento foi pressionado pelos recuos nos itens álcool etílico, afetado pelas condições climáticas desfavoráveis, o que impactou a colheita e o processamento das empresas na produção do item, e nos itens relacionados aos setores de alimentos e bebidas”, destacou o gerente da pesquisa, André Macedo.

De acordo com Matheus Pizzani, economista da CM Capital, a retração de setores de peso reflete a combinação entre o impacto defasado da elevação da

taxa básica da economia (Selic) sobre as concessões de crédito e o desaquecimento do mercado de trabalho. “É importante considerar ainda o impacto da alta do dólar sobre estes e demais setores voltados para a economia doméstica, com a inflação em cascata gerada pelo processo dificilmente sendo represada pelas empresas, que não encontram tanto espaço em suas margens para acomodar tais movimentos”, avalia.

Bens de consumo

Os setores produtores de bens de consumo duráveis, de bens de capital e de bens intermediários também mostraram queda na produção. Já entre as atividades, as maiores influências negativas foram veículos automotores, reboques e carrocerias, com uma retração de 11,5%, e coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis, com queda de 3,5%.

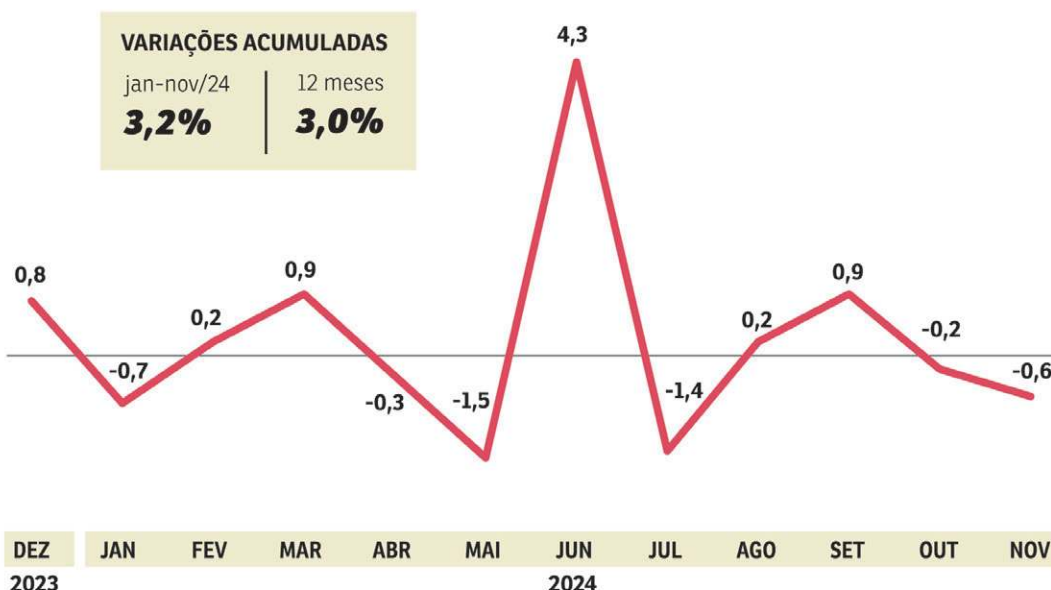
Pizzani chama atenção ainda para o comportamento dos componentes do grupo de alimentos, cujo volume produzido fechou novembro em terreno negativo, podendo representar um efeito negativo da inflação mais elevada desses itens, que começaram a subir de maneira mais expressiva no último trimestre do ano passado. Segundo ele, ainda é cedo para dizer se esse movimento deve se propagar ao longo de 2025. “Do ponto de vista das perspectivas para o resultado da indústria neste ano, todavia, os índices vistos até aqui seguem majoritariamente negativos”, indica.

No acumulado do ano, a indústria acumula alta de 3,2% e, em 12 meses, expansão de

Evolução

Desempenho mensal da produção industrial mostra desaceleração nos últimos dois meses

Varição - Em %



Fonte: IBGE.



3%. Em relação a novembro de 2023, a indústria cresceu 1,7% em sua produção. Com os resultados, a indústria encontra-se 1,8% acima do patamar pré-pandemia, mas 15,1% abaixo do nível recorde alcançado em maio de 2011.

Queda disseminada

Mesmo com retração significativa e disseminada registrada em novembro, Igor Cadilhac, economista do PicPay, destaca o avanço na comparação com o mesmo mês de 2023. “Esse desempenho evidencia um crescimento robusto e consistente da atividade industrial, que vive um dos seus melhores momentos nos últimos anos”, pondera. A projeção do economista é de um crescimento de 3,2% na produção industrial brasileira nos 12 meses de 2024, refletindo o desempenho positivo observado ao longo do ano.

“No entanto, para 2025, esperamos uma desaceleração (do indicador), influenciada, principalmente, por dois fatores: a redução do dinamismo da economia global e a manutenção de juros elevados por um período mais prolongado”, comenta o economista do banco digital.

“Apesar desse cenário mais desafiador, acreditamos que a retração será moderada. Fatores como o aquecimento da demanda interna, uma balança comercial sólida e políticas governamentais de estímulo à atividade econômica devem contribuir para atenuar os impactos negativos”, complementa Cadilhac, do PicPay.

Vendas de veículos avançam 14,02% em 2024

» RAPHAEL PATI

Nos 12 meses de 2024, 2.484.740 automóveis ou comerciais leves foram cadastrados no registro nacional (CRV), o que significa um avanço de 14,02% em relação ao ano anterior. Foi o maior crescimento anual desde 2008, de acordo com dados divulgados, ontem, pela Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave).

“Os segmentos foram beneficiados pela oferta de crédito e puderam atingir o melhor resultado desde 2019, último ano antes da pandemia. O número de fechamento do ano de 2024 é um dos 10 melhores já registrados no ranking histórico da Fenabrave, para os segmentos”, afirma o presidente da Fenabrave, Arcelio Junior.

Em dezembro, as vendas de automóveis e comerciais leves tiveram crescimento de 1,04% na comparação com o mês anterior. Já na comparação com o mesmo mês em 2023, o avanço foi de 3,01%. Para o presidente da associação, o resultado poderia ter sido ainda melhor não fosse os feriados em dezembro, que reduziram as visitas a concessionárias.

“Enquanto, no dia 23 de dezembro, realizamos a venda de quase 10 mil automóveis, no dia 24, foram registradas 1.925. O mesmo ocorreu no dia 31, que teve 861 vendas, enquanto no dia 30 foram registradas 8.371”, destaca o executivo. Apesar de ter uma compensação da demanda nos dias seguintes, Arcelio Junior explica que o ritmo não foi suficiente para atingir o potencial para o mês. “Além disso, as vendas corporativas não aconteceram dentro do volume esperado, impactando, também, no resultado de dezembro e acumulado de 2024”, acrescenta.

Dentro do segmento de automóveis e comerciais, os veículos híbridos registraram um crescimento de 55,13% durante o período, com um total de 115 mil emplacamentos. Já os totalmente elétricos cresceram 218%, apesar de terem performado mal no último mês do ano, com uma queda de quase 20% em relação a novembro.

O presidente da federação explica que houve uma expansão mais tímida nesse segmento, apesar do alto crescimento acumulado ao longo do ano, que se deve a uma base de comparação mais fraca em 2023. “Vemos que os automóveis e comerciais leves elétricos

Mercado aquecido

Veículos registram, em 2024, o melhor resultado desde 2008, apesar de a taxa de juros alta e a inflação maiores do que o previsto inicialmente

Vendas de veículos em 2024		
Tipo	Unidades	Varição em relação a 2023
Automóveis	1.948.136	13,21%
Comerciais Leves	536.604	17,04%
Caminhões	122.099	17,41%
Ônibus	27.675	12,40%
Motos	1.875.903	18,61%
Implementos rodoviários	88.661	-1,89%
Outros	145.101	13,34%
Total	4.744.179	15,49%

Fonte: Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave)

somaram 61.585 unidades no ano de 2024, o que equivale a mais de três vezes o número de emplacamentos de 2023 (19.335), o que demonstra uma evolução, ainda menor do que a registrada entre os híbridos”, considera.

Evolução similar foi obtida pelos veículos pesados e de carga. A venda de caminhões no ano passado alcançou 127 mil unidades, com um avanço de 17,41% em relação ao ano anterior. Já entre os

ônibus, o crescimento foi de 12,4%, totalizando 27 mil veículos. Segundo a Fenabrave, a venda para o programa do governo federal Caminho da Escola, além da renovação da frota por diversas empresas impulsionou o mercado.

No segmento de duas rodas, o resultado também foi muito positivo. Entre janeiro e dezembro, 1,8 milhão de unidades foram emplacadas no país, demonstrando um aumento de 18,61% na

» Firjan aponta desafios estruturais para 2025

Mesmo com o desempenho positivo de 3,2% no acumulado em 12 meses até novembro de 2024, a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), destaca que o setor opera 15,1% abaixo do pico histórico alcançado em maio de 2011 e terá mais desafios em 2025. “Esse cenário evidencia entraves estruturais que comprometem a competitividade nacional, como o baixo investimento em infraestrutura, educação e ambiente de negócios, pilares fundamentais para impulsionar o crescimento e a inovação no setor”, destaca o economista-chefe Firjan, Jonathas Goulart. Segundo ele, as perspectivas para este ano serão mais ainda mais desafiadoras, devido à combinação de juros elevados e alta do dólar, “que tende a pressionar os custos de produção e a desestimular investimentos”.

comparação com o mesmo período de 2023. O nível percentual de crescimento foi o maior desde 2021 e o 3º melhor desempenho da série histórica, ficando pouco atrás do recorde de 2011, com uma diferença de apenas 64 mil unidades.

Projeções

Para este ano, a entidade projeta um crescimento em torno de 10% entre as motocicletas. Na estimativa, a Fenabrave avalia que todos os segmentos devem crescer em 2025, com destaque, ainda, para os automóveis e comerciais leves (5%), caminhões (4,5%) e ônibus (6%). No geral,

a previsão sugere um avanço de 7% na venda de veículos no país até o fim do ano.

Apesar da estimativa, o presidente da federação reforça que é difícil fazer um exercício de futurologia diante de um cenário macroeconômico incerto. “Itens como câmbio, renda, crédito e outros fatores conjunturais, de contexto econômico e político, influenciam nos negócios do setor, o que dificulta, neste momento, fazer prognósticos precisos para os próximos 12 meses, pois estamos diante de variáveis importantes em vários quesitos, tanto políticos como econômicos”, conclui Arcelio Junior.